

MUNHOZ, Rodrigo; SANTOS, Victor H. Calejon. Desafios do ensino de geografia na educação de jovens e adultos: reflexões sobre as práticas desenvolvidas no estágio obrigatório de licenciatura em geografia. In: FERRETTI, Orlando; CUSTÓDIO, Gabriela A. (orgs). *Artigos da disciplina estágio curricular supervisionado em geografia II: segundo semestre de 2013*. Florianópolis: NEPEGeo; UFSC, 2014. Disponível em: <http://nepegeo.ufsc.br/files/2014/06/Artigo-Rodrigo-e-Victor.pdf>

## **DESAFIOS DO ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS DESENVOLVIDAS NO ESTÁGIO OBRIGATÓRIO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

Rodrigo Munhoz - [munhozgrm@bol.com.br](mailto:munhozgrm@bol.com.br)  
Victor Henrique Calejon Santos - [victorcalejon@gmail.com](mailto:victorcalejon@gmail.com)  
Universidade Federal de Santa Catarina

### **RESUMO**

Este artigo traz reflexões sobre nossa experiência do estágio supervisionado de licenciatura em Geografia durante o ano de 2013. O estágio foi realizado no município de São José, no Colégio Municipal Maria Luiza de Melo, localizado no bairro Kobrasol. As atividades no primeiro semestre se deram junto a uma turma de 9º ano de ensino fundamental da Educação de Jovens e Adultos (EJA), período do estágio voltado à observação. Já no segundo semestre, período em que os estagiários assumiram a regência das aulas, realizamos o estágio em uma turma do 2º ano do ensino médio da EJA. A nossa trajetória no estágio obrigatório começou com o estudo teórico de conteúdos relativos ao ensino-aprendizagem e a preparação de como proceder no colégio. Em seguida passamos à observação prática das aulas e do contexto escolar e preparação do material para intervenção durante as aulas. Esta parte do trabalho foi um dos desafios nesse período de preparação, pois tínhamos de pesquisar corretamente informações para fins didáticos e nos preocuparmos com o modo de como essas informações deveriam ser apresentadas em sala, considerando que os alunos do ensino fundamental e do ensino médio não possuem a mesma desenvoltura com as ferramentas e os temas geográficos exibidos por nós graduandos de Geografia. No segundo semestre finalmente passamos à preparação das aulas e regência, sempre com a supervisão do professor responsável pela turma e seguindo o plano de ensino daquele ano. Neste processo pudemos verificar o interesse de boa parte dos alunos nos assuntos geográficos interligados ao cotidiano e a realidade, e eles, em sua maioria adultos, já possuem experiências de vida e lembranças de acontecimentos e realidades locais, nacionais e internacionais precedentes. Essas experiências abrem a possibilidade de uma maior discussão a respeito dos temas propostos. Por outro lado, temos a situação da melhoria de indicadores sociais no município de São José, sobretudo aqueles relativos à educação, em certa medida influenciados pelo fato da prefeitura oferecer na rede pública municipal o programa de Educação de Jovens e Adultos, um importante investimento e política de inclusão social. No presente artigo nos dedicamos a refletir sobre alguns dos desafios (e potencialidades) do ensino de Geografia na EJA.

**Palavras-chave:** Educação de Jovens e Adultos, Ensino de Geografia, Educação pública.

### **1. Introdução**

A prática de ensino é fundamental na formação do professor, momento insubstituível em que o aluno-graduando passa a vivenciar um novo papel: o de professor-estagiário. Dessa forma, o estágio obrigatório em licenciatura cumpre com a função de possibilitar o convívio escolar e a atuação em sala, vivências importantíssimas na formação profissional.

Diferentemente de uma abordagem tradicional do processo educativo, baseada no “depósito de saberes”<sup>1</sup> do professor para o aluno, quando pensamos a educação de forma crítica e reflexiva entendemos a construção do conhecimento a partir da troca, tendo como ponto de partida os conhecimentos prévios dos alunos. Nesta perspectiva, compreendemos que a interação entre aluno e professor possibilita a reflexão sobre a aprendizagem, aspecto valioso na formação do educador. Dessa forma acreditamos que é com a prática em sala de aula que o futuro educador se depara com os desafios da profissão, articulando a formação teórica adquirida durante a graduação às experiências vividas.

Tal concepção de educação crítica e reflexiva ganha contornos especiais na Educação de Jovens e Adultos, em que as turmas são compostas por um público mais velho e experiente cuja bagagem de conhecimentos deve ser sempre levada em conta e trabalhada, aproximando os conteúdos geográficos à realidade dos alunos, em um processo em que as abordagens tradicionais possuem baixa adequação ao contexto apresentado.

## **2. Geografia crítica: discussão e ação**

Acreditamos que compreender a educação de forma crítica implica entender o processo educativo como um processo formativo de sujeitos autônomos e criativos, capazes de questionar e transformar a realidade vivida, verificando ao invés de aceitarem tudo que lhes é apresentado.

A Geografia possui então papel de fornecer instrumentos para a formação de alunos críticos, exigindo do professor posicionamento e ação que possam vir a favorecer

---

1 “Depósito de saberes”: “Concepção da “educação bancária” de Paulo Freire, entendida como o processo que trata o “homem como objeto”, depósito de saberes considerados verdades absolutas.” (BIZERRA, [s.d.]

este processo. Nas palavras de Pontuschka (2000, p.146):

A tarefa do professor talvez consista em educar um jovem ou um adulto para não se deixar enganar; para não se deixar enganar não apenas pela televisão, rádio, jornais, cinema, como também pelos aparatos ditos educativos ou culturais que podem inculcar de forma eficaz mentiras disfarçadas com o manto da realidade. O que para nós professores está em pauta é como o trabalho pedagógico com a Geografia contribui para tornar nossos estudantes menos ingênuos diante daquilo que chamamos de realidade.

Este deve ser o principal papel do educador, a ser desempenhado não sob a lógica daquele que ensina, mas do que ajuda a aprender, ou como expõe Matias (2008, p.178) “O processo de ensino irá depender do caráter individual do professor, como ele se relaciona com o caráter individual do aluno. O professor assume a função de facilitador da aprendizagem”.

Entendemos que em se tratando da Educação de Jovens e Adultos, tal abordagem se mostra ainda mais importante, por se trabalhar com sujeitos com distintas idades e trajetórias de vida, possuidores de uma grande gama de saberes muitas vezes “não-escolares” que devem ser não apenas reconhecidos, mas também valorizados, interligando conceitos e conhecimentos geográficos a problemas e questões do dia a dia dos alunos, tornando ricas as trocas entre professor e alunos.

Acreditamos ser fundamental que o professor possua abertura para ouvir e debater junto com a turma, intermediando as discussões, tornando absolutamente necessário desconstruir a concepção do professor possuidor do conhecimento a ser depositado nos alunos, que serão moldados por tal conhecimento. Visão típica das abordagens mais tradicionais de educação e ensino da Geografia, sobretudo, levando-se em conta que nesta modalidade de ensino a hierarquia imposta pela idade inexistente, de modo que boa parte dos alunos possuem idades próximas ou superiores à dos professores.

Dessa forma acreditamos que para o ensino da Geografia oferecer instrumentos que constituam a base crítica e que transforme a realidade apresentada é necessário que a aprendizagem seja um processo vivo, construído de sentidos, intimamente ligado ao contexto vivido e articulado às diferentes escalas geográficas. As questões da escala

global devem ser apresentadas como uma dimensão de uma totalidade que se relaciona aos processos locais e vice-versa. Matias (2008, p. 180) aborda o tema da seguinte maneira:

O espaço geográfico deve ser entendido enquanto totalidade por onde passam as relações cotidianas e onde se estabelecem as redes sociais em diferentes escalas. Esse entendimento gera uma informação que deverá formar redes de significados para o aluno e aluna. Esses indivíduos vão à busca do entendimento da espacialidade que é simultaneamente produto social e uma condição da prática individual e social.

Compreendemos que para isso ser possível, é preciso que, sob orientação do professor, as diferentes experiências vividas por professor e alunos e os conceitos científicos articulem-se, ganhando convergência, em um processo de troca e construção do conhecimento.

Dessa forma, não se trata da transposição de conhecimentos universitários de forma simplificada, mas da transformação dos mesmos em conhecimento escolar, conforme aponta Pontuschka (2000, p.150):

O conhecimento produzido na Universidade, fundamentado em pesquisas de campo, de laboratório, bibliográfica e dominado pelo professor deve ser o instrumental teórico a ser elaborado, recriado para transformar-se em saber escolar, ou seja, em saber a ser ensinado.

Neste sentido, deve haver por parte do professor um trabalho de elaboração e seleção dos materiais didáticos e organização da forma como serão apresentados à turma, criando um elo teórico-prático que desperte o interesse dos jovens e adultos que compõem as turmas de EJA pelo estudo do espaço geográfico, com informações atualizadas, de fácil compreensão e que despertem a curiosidade e senso crítico dos alunos, de modo a mostrar aplicabilidades aos conhecimentos estudados pela disciplina.

### **3. Educação de Jovens e Adultos: desafios e especificidades**

Ao trabalharmos com turmas de EJA nos deparamos com algumas

especificidades, tais como faixa etária e referências socioculturais do público atendido, contextos próprios desta modalidade de ensino que requerem um entendimento dos sujeitos os quais a EJA atende.

Problematizando esta questão, o Caderno de Educação de Jovens e Adultos, produzido pelo Setor Pedagógico da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura Municipal de São José faz os seguintes apontamentos:

Em um país como o Brasil, marcado por graves desníveis sociais, pela situação de pobreza de grande parcela da população e por uma tradição política pouco democrática, baixos níveis de escolarização estão fortemente associados a outras formas de exclusão econômica, social e política.

O sujeito que procura a EJA é, na maioria das vezes, oriundo desta situação. É um sujeito que busca respostas às contradições de uma sociedade capitalista marcada pela desigualdade, pela competição no mercado de trabalho, pelo surgimento das novas tecnologias que exigem o domínio de instrumentos da cultura letrada. (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ, 2008, p.29)

Este contexto mostrou-se presente nas turmas de EJA que frequentamos durante os dois semestres de Estágio Obrigatório em Licenciatura. No entanto, é necessário pontuar também que as turmas de EJA se configuram de forma bastante diversificada, com pessoas de idades e trajetórias muito diversas.

A Educação de Jovens e Adultos atende um público variado, composto por jovens que tiveram que atrasar temporariamente seus estudos e adultos que os interromperam por um longo período de tempo. Em comum, temos um aspecto perceptível: a influência do mundo do trabalho na trajetória escolar destes indivíduos. Pensando neste contexto, os professores envolvidos com turmas de EJA devem se adaptar para atender às expectativas de um público heterogêneo e com interesses e aspirações distintos dos estudantes da Educação Regular.

O primeiro desafio com que tivemos que lidar diz respeito ao curto tempo de duração das aulas (apenas 40 minutos), somado à compactação dos conteúdos de cada série (de um ano na Educação Regular, reduzido a apenas seis meses na Educação de Jovens e Adultos).

Há ainda que se pensar que a maior parte dos alunos e alunas acumulam dupla ou tripla jornada, com uma rotina de trabalho, estudo e cuidados da casa e da família. Desse modo, praticamente os únicos momentos dedicados aos estudos são aqueles passados em sala de aula, fato a ser levado em conta no planejamento das aulas e atividades, para que toda turma tenha aproveitamento desejado e possa acompanhar os conteúdos.

Tal cenário exige uma preparação adequada por parte dos professores, uma dinâmica apropriada e controle do tempo em sala de aula, de forma a avançar nas discussões e nos conteúdos que constam no plano de ensino.

Quanto às estratégias didáticas, ressaltamos a importância em diversificar os métodos e recursos utilizados, aproveitando bem o curto espaço de tempo e mantendo vivo o interesse da turma sobre as aulas. Variar as aulas entre momentos expositivos, de leitura, debate, realização de atividades escritas e exibição de vídeos, mostrou-se fundamental para o andamento das aulas, que se tornaram mais dinâmicas.

Devido a EJA possuir turmas de faixa etária mais elevada, percebemos que muitas vezes o uso do livro didático como único recurso mostrou-se inadequado, pois, os alunos estão acostumados a acompanhar os noticiários televisivos e jornalísticos, grandes formadores de opinião em nossa sociedade. O uso de artigos e reportagens para a discussão de forma crítica de seus conteúdos junto à turma mostrou-se um recurso valioso, sobretudo em dois aspectos: por aproximar as discussões do cotidiano dos alunos, oferecendo um sentido prático aos conteúdos e como forma de exercitar o senso crítico da turma, debatendo as notícias com um mais aprofundamento teórico, ao invés da simples aceitação passiva do que é noticiado.

Como ressaltamos anteriormente, é preciso ter sempre em conta que o público da Educação de Jovens e Adultos é composto por sujeitos com demandas e expectativas mais imediatas, em busca de uma formação ligada à prática e que dê subsídios a uma maior inserção no mercado de trabalho, ampliando as oportunidades de emprego com funções que exigem maior qualificação. Deste modo, é sobre este pano de fundo que o professor deve atuar, aplicando neste contexto conceitos e debates da Geografia e buscando, sempre que for possível, exemplos práticos e ligados ao cotidiano destes trabalhadores.

#### 4. O crescimento no Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de São José e a importância dos indicadores ligados à Educação

Analisando os dados compilados no Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2013<sup>2</sup>, relativos ao município de São José, é notável o crescimento no IDHM no comparativo entre os anos de 1991, 2000 e 2010, saltando de 0,626 para 0,809, conforme imagem abaixo:

## IDHM

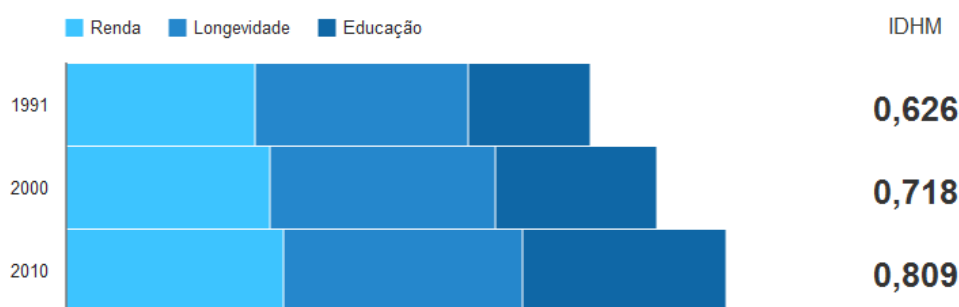


Figura 1: Evolução do IDHM de São José nos anos de 1991, 2000 e 2010.

Fonte: PNUD, IPEA e FJP. Retirado do Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2013.

O IDHM é calculado levando-se em conta indicadores relativos à Renda, Longevidade e Educação. No período analisado pelo Atlas, a dimensão que teve o maior crescimento em termos absolutos foi a de Educação, principal aspecto para o crescimento do IDHM entre 1991 e 2010, seguido por renda e longevidade, mostrando a importância das políticas e investimentos em Educação para o desenvolvimento do município.

Conforme nos indica o Atlas, “a escolaridade da população adulta é importante indicador de acesso a conhecimento e também compõe o IDHM Educação” (ATLAS DE DESENVOLVIMENTO HUMANO DO BRASIL, 2013). A imagem a seguir ilustra a evolução do nível de escolaridade da população adulta no município entre 1991 e 2010:

<sup>2</sup> Disponível em: [http://atlasbrasil.org.br/2013/perfil/sao-jose\\_sc](http://atlasbrasil.org.br/2013/perfil/sao-jose_sc).

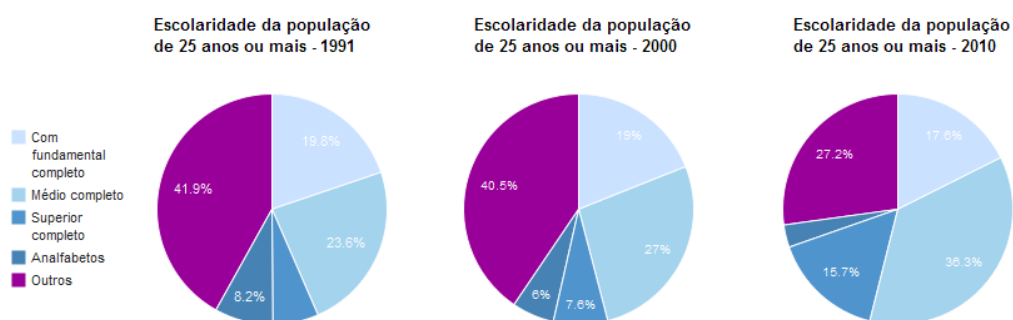


Figura 2: Escolaridade da população de 25 anos ou mais nos anos de 1991, 2000 e 2010 em São José.

Fonte: PNUD, IPEA e FJP. Retirado do Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2013.

Conforme podemos verificar, houve uma redução expressiva na taxa de analfabetismo da população adulta do município, de 8,2% em 1991 para 3,16% em 2010. Além da redução na taxa de analfabetismo houve um aumento no grau de escolaridade da população em todos os níveis durante o período, mostrando a importância de programas educacionais específicos para esta população, como é o caso da Educação de Jovens e Adultos.

Dados do IBGE relativos ao Censo 2010 dão a dimensão do público atendido pela EJA no município, conforme a Tabela 1:

Tabela 1: População Residente do Município de São José Frequentando a Educação de Jovens e Adultos no Ano de 2010

<b>Município = São José - SC</b>		
<b>Grupos de idade = Total</b>		
<b>Ano = 2010</b>		
Frequência à escola ou creche e curso e série que frequentavam	Variável	
	População residente (Pessoas)	População residente (Percentual)
<b>Total</b>	209.804	100,00
<b>Frequentavam - alfabetização de jovens e adultos</b>	377	0,18
<b>Frequentavam - educação de jovens e adultos do ensino fundamental</b>	1.785	0,85
<b>Frequentavam - educação de jovens e adultos do ensino médio</b>	2.796	1,33



Fonte: IBGE – Censo Demográfico 2010.

Conforme nos indica a tabela, somadas as modalidades de Alfabetização de Jovens e Adultos, Educação de Jovens e Adultos do Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos do Ensino Médio, em 2010, 2,36% da população residente do município de São José era atendida por cursos de EJA, reafirmando a relevância da Educação de Jovens e Adultos entre as políticas públicas para a Educação, possibilitando um maior grau de escolaridade para este público que, além de uma maior formação cultural e educacional, passa também a ter maior inserção no mercado de trabalho, com possibilidades de melhores rendimentos.

Esta hipótese de uma ligação entre o aumento da renda possibilitado pelo aumento na escolaridade se sustenta com os dados relativos à Renda, Pobreza e Desigualdade em São José, conforme a tabela 2, abaixo.

Tabela 2: Renda, pobreza e desigualdade em São José, SC.

	<b>1991</b>	<b>2000</b>	<b>2010</b>
Renda per capita (em R\$)	600,07	842,19	1.157,43
% de extremamente pobres	1,42	1,24	0,19
% de pobres	8,93	5,65	1,36
Índice de Gini	0,48	0,48	0,44

Fonte: PNUD, IPEA e FJP. Retirado do Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2013.

Como podemos ver, houve um aumento expressivo na renda per capita (da ordem de 92,88%) nos últimos 20 anos, acompanhado da redução da população extremamente pobre (de 1,42% em 1991 para 0,19% em 2010), da população pobre (de 8,93% em 1991 para 1,36% em 2010) e do Índice de Gini – que mede a concentração de renda –, recuando de 0,48 em 1991 para 0,44 em 2010. Todos estes aspectos coincidem com o período de crescimento nos indicadores relacionados à Educação, de forma a evidenciar possuírem relações.

Deste modo, evidencia-se a importância de maiores investimentos em Educação como políticas públicas eficientes para a inclusão social e indutoras de desenvolvimento para o município, com impactos no acesso à renda e a uma maior inclusão social e acesso à cidadania, possibilitados pela aquisição de novas habilidades

e conhecimentos antes negados a estes extratos da população.

### **Considerações Finais**

Responder às demandas e aos desafios práticos que só a vivência em sala de aula pode proporcionar não é tarefa das mais simples, pois vimos que para o bom exercício da licenciatura é necessário muito mais do que o simples conhecimento acadêmico.

A formação do professor requer um conjunto amplo de habilidades, formas de transformar os conhecimentos acadêmicos em conteúdos escolares, de modo que possam aguçar a curiosidade e o espírito investigativo dos alunos para formar sujeitos autônomos e criativos, capazes de fazer e pensar coisas novas, ao invés de repetir acriticamente aquilo que lhes é ensinado.

Frente a este desafio, a Geografia mostra sua importância enquanto ciência crítica e interligada aos problemas e dilemas sociais, com explicações abrangentes e conexões reais com o cotidiano vivido.

A busca da compreensão do espaço geográfico leva ao questionamento dos aspectos contraditórios e das relações desiguais capitalistas. Reside aí o sentido de fazer uma Geografia crítica: o estudo do espaço geográfico, desenvolvendo formas de investigação do mundo vivido, requer discussão, engajamento e ação.

### **Referências Bibliográficas:**

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. **Perfil dos municípios: São José, SC.** PNUD/IPEA/FJP, 2013. Disponível em: <[http://atlasbrasil.org.br/2013/perfil/sao-jose\\_sc](http://atlasbrasil.org.br/2013/perfil/sao-jose_sc)>. Acesso em: 27/11/2013.

BIZERRA, Maria da Conceição. A didática numa abordagem freireana. Seminários. **Biblioteca Digital Paulo Freire/UFPB**, [s.d.]. Disponível em: <<http://www.paulofreire.ufpb.br/paulofreire/Files/seminarios/mesa08-b.pdf>>. Acesso em: 04/12/2013.

COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO. **Projeto Político Pedagógico.** São José, [s.d.].

COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO. **Projeto Político Pedagógico - Educação de Jovens e Adultos.** São José, agosto de 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA. Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA). **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?c=3544&z=cd&o=16>>. Acesso em: 27/11/2013.

MATIAS, Vandeir Robson. Abordagem teórico-metodológica da geografia escolar e cotidiano: elementos importantes no processo de ensino e aprendizagem. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 9, n. 27, p. 175-183, 2008.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ. **Caderno de Educação de Jovens e Adultos**. São José, 2008.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Geografia, representações sociais e escola pública. **Terra Livre**, São Paulo, n.15, p.145-154, 2000.

SENE, Eustáquio de; MOREIRA, João Carlos. **Geografia Geral e do Brasil, volume 2: espaço geográfico e globalização**. São Paulo: Scipione, 2012.